



COMITÉ REGIONAL AFRICANO

ORIGINAL: FRANCÊS

Sexagésima sessão

Malabo, Guiné Equatorial, 30 de Agosto-3 de Setembro de 2010

**DISCURSO DO DR. LUIS GOMES SAMBO
DIRECTOR REGIONAL DA OMS PARA ÁFRICA**

Excelentíssimo Senhor Teodoro Obiang Nguema Mbasogo,
Presidente da República da Guiné Equatorial,
Excelentíssimo Senhor Professor Alpha Omar Konaré,
Ex-Presidente da República do Mali,
Ilustres membros do Governo da Guiné Equatorial,
Excelentíssimo Senhor Presidente da quinquagésima nona sessão
do Comité Regional da OMS e Ministro da Saúde do Ruanda,
Excelências, Senhoras e Senhores
Ministros da Saúde dos Estados-Membros da Região Africana da OMS,
Senhora Directora-Geral da OMS,
Ilustres Membros do Corpo Diplomático e Chefes das Missões,
Caros Colegas Directores, Representantes e funcionários das Agências
do Sistema das Nações Unidas,
Distintos convidados,
Membros da Imprensa,
Senhoras e Senhores,

É para mim uma honra e um agradável dever poder dirigir-me a esta augusta assembleia,
por ocasião da 60.^a sessão do Comité Regional Africano da OMS.

Gostaria especialmente de vos expressar, Senhor Presidente, a minha mais profunda
gratidão por terdes convidado o Comité Regional Africano para a Guiné Equatorial e
autorizado a sua realização neste magnífico edifício. Gostaria também de vos agradecer a
generosa hospitalidade com que fomos recebidos nesta pitoresca e agradável cidade de
Malabo. Excelentíssimo Senhor Presidente da República, fazemos os melhores votos para que
os vossos esforços em prol do desenvolvimento sócioeconómico e sanitário da Guiné
Equatorial sejam coroados de êxito.

Permita-me que aproveite este ensejo para dar as calorosas boas-vindas à Dr.^a Margaret
Chan, Directora-Geral da Organização Mundial da Saúde. Saúdo a presença dos ilustres
ministros da saúde e dos Representantes dos Estados-Membros que quiseram deslocar-se a
Malabo

Gostaria ainda, Senhoras e Senhores, de dirigir uma saudação especial de boas-vindas ao nosso convidado de honra deste ano, sua Excelência o Professor Alpha Omar Konaré, ex-Presidente do Mali e da Comissão da União Africana. Gostaria aqui de sublinhar o quanto o seu estilo de liderança nos maravilhou e inspirou, bem como o quanto apreciamos o seu contributo para a saúde e o desenvolvimento do nosso continente.

Excelências,
Senhoras e Senhores,

Com o apoio dos parceiros do desenvolvimento, os governos dos países africanos alcançaram progressos no domínio da saúde pública. Contudo, ao ritmo actual, esses progressos são insuficientes para se atingirem os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) em 2015. A situação sanitária tem sido agravada pela pobreza das populações, pelo acesso limitado à água potável, pelo deficiente saneamento e pela insuficiência alimentar que atingem uma boa parte dos povos. Nestas condições, as políticas de saúde em África deveriam sempre incluir objectivos de equidade e de qualidade dos cuidados de saúde em prol dos pobres e dos desfavorecidos.

Excelências,
Senhoras e Senhores,

O contexto gerado pela crise financeira internacional ameaça conduzir a uma crise dos sistemas de saúde em África. De facto, a redução dos orçamentos e das despesas com a saúde poderá comprometer os ideais de acesso universal e de qualidade dos cuidados.

Nós dispomos de conhecimentos, possuímos boas políticas e estratégias. Assim como a maioria dos utensílios necessários; mas o que fará a diferença entre a esperança e a actual realidade de milhões de africanos será a implementação dessas políticas, apoiada pela rigorosa mobilização dos recursos internos e externos.

Na actual conjuntura, Senhoras e Senhores Ministros, convido-vos a partilharem e a adoptarem as melhores práticas de saúde pública em África.

A 5 anos do prazo limite estabelecido para a consecução dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, é altura de fazermos melhor. Neste patamar da esperança, teremos de actualizar as políticas nacionais de saúde, utilizando as evidências mais recentes e dando prioridade à implementação de acções essenciais claramente identificadas nos Planos Nacionais de Desenvolvimento Sanitário (PNDS). Estes planos devem nortear e concentrar a acção de todas as partes interessadas, incluindo os parceiros do desenvolvimento.

A este respeito, agrada-me saber que vários Estados-Membros da nossa Região já introduziram reformas neste sentido. No entanto, gostaria de relembrar a necessidade de reforçar a colaboração intersectorial, alargar o diálogo político com as autoridades locais com vista a explorar as sinergias e tornar mais funcionais as estruturas do Estado e a acção sanitária das colectividades locais.

Excelências,
Ilustres Convidados,
Senhoras e Senhores,

Na minha humilde perspectiva, as despesas de saúde não são apenas custos que deverão ser suportados pelos Estados, mas mais do que isso, são um investimento vital no desenvolvimento socioeconómico duradouro de um país.

Embora tenha havido um aumento global das despesas de saúde desde 2001, apenas 5 países atingiram a meta de Abuja de 15% do orçamento geral do estado para a saúde.

Este número representa a lacuna que nós teremos de preencher para garantir um financiamento óptimo dos serviços de saúde. É por esta razão que eu gostaria de exortar os Estados-Membros a aumentarem a sua dotação orçamental para o sector da saúde, bem como a implementação de mecanismos duradouros que visem a protecção social.

Nesta ordem de ideias, permiti-me que vos informe que a Região Africana da OMS se confronta presentemente com um importante défice orçamental que afecta os programas prioritários, nomeadamente a luta contra o VIH/SIDA, a tuberculose, o paludismo a saúde infantil e a saúde materna.

Com as presentes tendências orçamentais, a Organização será obrigada a separar-se de um substancial número de peritos, o que irá reduzir a nossa capacidade de resposta aos Estados-Membros.

No entanto, para melhor responder às situações de catástrofe e às epidemias, propus a criação de um Fundo Africano para Urgências de Saúde Pública, em conformidade com as recomendações dos Ministros da Saúde.

Para esse efeito, contactei todos os Chefes de Estado da Região e a União Africana, para promover a criação desse fundo, com o auxílio do Banco Africano de Desenvolvimento.

Excelências,
Ilustres Convidados,
Senhoras e Senhores,

A Região Africana suporta o enorme fardo da mortalidade materna e infantil e estamos, infelizmente, longe de atingirmos a meta mundial referente às taxas de mortalidade materna. As tendências actuais revelam que apenas 5 países da nossa Região estão aptos a atingirem o ODM 4 relativo à saúde infantil. Porém, realizaram-se alguns progressos significativos no quadro da vacinação infantil.

Permitam-me, assim, que saúde os enormes esforços desenvolvidos por certos países na implementação de estratégias correctivas visando a erradicação da poliomielite. De facto, em finais de Julho de 2010, o número de casos de poliomielite diminuiu 86%, relativamente aos casos registados em 2009.

É neste contexto que gostaria de felicitar em especial os governos da Nigéria e do Chade, pelos progressos muito significativos recentemente realizados, e convido-os a prosseguirem.

Neste mesmo capítulo da saúde infantil, constata-se o ressurgimento do sarampo, apesar dos substanciais progressos que permitiram reduzir em 92%, entre 2000 e 2008, o número de óbitos devidos a esta doença.

Tal reemergência observada em 27 países é imputável a um enfraquecimento da vacinação, tanto de rotina como suplementar, bem como a uma redução do apoio político e financeiro dos estados e dois parceiros.

Tenho ainda a anunciar-vos uma boa notícia: a OMS acabou de pré-qualificar a nova vacina conjugada contra a meningite epidémica de meningococcus A. Esta vacina é fruto de uma parceria público-privada entre a OMS e a ONG/Programa para uma Tecnologia Apropriada de Saúde (PATH). Esta vacina ajudará a conter as epidemias de meningite que já há tanto tempo vêm a enlutar milhares de famílias. A introdução desta nova vacina será lançada oficialmente em Dezembro de 2010.

Excelências,
Ilustres Convidados,
Senhoras e Senhores,

Com o apoio dos parceiros do desenvolvimento, os países da Região Africana obtiveram avanços significativos na intensificação da prevenção, diagnóstico e tratamento na esfera do paludismo e do VIH/SIDA.

As recentes tendências revelam uma estabilização na Região, ou mesmo uma regressão da prevalência do VIH em certos países. No entanto, teremos que nos manter vigilantes e continuar a dar prioridade à prevenção, assim como a afectar os recursos adequados à luta contra estas doenças, que representam ainda um pesado fardo.

A Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o período entre 2001 e 2010 como a Década "Fazer recuar o paludismo". Durante este período, os países africanos registaram uma redução do fardo do paludismo, na sequência da implementação de um pacote de intervenções a nível mundial, que revelaram a sua eficácia. É mais do que nunca importante reforçar os programas de prevenção e de tratamento do paludismo e incrementar a mobilização política e financeira, tão vitais para se obterem resultados a larga escala.

Relativamente à tuberculose, a propagação regular de bolsas de resistência é um sinal de alarme que exige uma atenção urgente e sustentada. A gestão eficaz dos serviços de tratamento de curta duração por observação directa (DOTS), bem como a formação do pessoal em DOTS, são cruciais para inverter as actuais tendências na Região Africana e evitar novos surtos com graves consequências para a saúde pública. Nós reconhecemos o papel determinante do Fundo Mundial de Luta contra a SIDA, a Tuberculose e o Paludismo nos êxitos que se registaram.

A luta contra a oncocercose conheceu importantes progressos e gostaria de mencionar e felicitar, em especial, o êxito da Guiné Equatorial relativo à eliminação do vector da oncocercose na ilha de Bioko. Este sucesso libertou as populações do prejuízo e da doença, permitindo ainda a retoma de actividades agro-económicas por parte das comunidades locais.

Os países da nossa região são confrontados com o forte crescimento das doenças crónicas. Os factores de risco como o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, o tabagismo, o sedentarismo e os maus hábitos alimentares estão associados ao aumento de algumas destas doenças, nomeadamente a diabetes, os cancros e as doenças cardiovasculares.

Permiti-me, Senhoras e Senhores, que relembre aqui o problema da contrafacção de medicamentos e de outros produtos que persiste e está a ganhar terreno. O consumo destes produtos contrafeitos está muitas vezes na origem de insucessos terapêuticos, de intoxicações e de resistência aos medicamentos.

Consequentemente, a contrafacção exige mecanismos mais eficazes de vigilância e de regulamentação da nossa Região.

- Excelentíssimo Senhor Presidente da República
- Excelentíssimas Senhoras e Senhores Ministros e Chefes de Delegações,
- Ilustres Representantes dos Parceiros do Desenvolvimento
- Senhoras e Senhores,

Desejaria ainda expressar-vos a minha profunda gratidão pelo apoio que me tendes dispensado e pela confiança em mim depositada, durante este segundo mandato como Director Regional.

Inspirado pelo 11.º Programa Geral de Trabalho da OMS e pelas estratégias de cooperação com os 46 países; em consulta com a Directora-Geral, propus-vos as novas Orientações Estratégicas, que cobrem o período 2010-2015, as quais incidem nos papéis essenciais e na responsabilidade da OMS de acordo com o seu mandato; o reforço dos sistemas de saúde; a saúde materno-infantil; o combate às doenças; e a promoção dos determinantes da saúde.

Antes de terminar a minha intervenção, que me seja permitido agradecer aos meus colegas Directores Regionais das agências das Nações Unidas por terem respondido ao meu convite e, sobretudo, pela sua colaboração na harmonização de programas de cooperação na área da saúde.

Os meus agradecimentos vão também para a União Africana, pela sua liderança e sobretudo pelo a recente declaração dos Chefes de Estado sobre saúde materno-infantil, aquando da última cimeira em Kampala.

Que este ano em que se fará o balanço dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio seja também uma oportunidade de reflexões e iniciativas inovadoras para o desenvolvimento em África.

Muito obrigado pela vossa atenção.